

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**13 e 28 de Novembro de 2023**  
**OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT**

## **RETOUR EN NORMANDIE / 2007**

*Um filme de Nicolas Philibert*

*Diretor de fotografia (Super 16 mm, ampliado para 35 mm para a distribuição comercial): Kateli Djian / Montagem: Nicolas Philibert / Som: Yolande Decassin / Com as presenças de: Anne Borel, Charles Hébert, Nicola Picard, Jacqueline Millière, Annick Géhan, Nicole Géhan; narração de Nicolas Philibert*

*Produção: Les Films d'Ici, Arte, Canal +, TPS Star / Cópia: dos Films du Losange (Paris), digital (transcrito do original em película), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 113 minutos / Estreia mundial: França, 3 de Outubro de 2007 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

\*\*\*\*\*

**O filme inclui diversos trechos (por vezes apenas sonoros) de *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère...* (1976) de René Allio.**

\*\*\*\*\*

Longe da veia “observacionista” que caracteriza parte do cinema de Nicolas Philibert, **Retour en Normandie** pertence a outro subgénero do documentário: o da busca do passado sob a forma de uma espécie de diário de viagem, num percurso em que se procura e (quase sempre) se encontra pelo menos parte daquilo que se busca. O título do filme capta bem o duplo regresso tentado pelo realizador, no tempo e no espaço, pois trata-se de regressar aos espaços onde, trinta anos antes, fora rodado **Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère...** (1976) de René Allio, no qual Nicolas Philibert foi assistente de realização, ao lado de outro nome que também faria carreira, Gérard Mordillat. O filme de Allio aborda um crime cometido em 1835, que se tornara célebre em início dos anos de 1970, com a publicação em 1973 de um dos mais célebres textos de Michel Foucault, baseado nos autos do processo e no diário de Pierre Rivière, do qual foi extraído o seu título, de modo a estudar a relação entre a psiquiatria e o sistema penal no século XIX (o caso de Pierre Rivière foi um dos primeiros a terem sido registados em França em que a possível alienação mental do criminoso foi levada em conta pelos tribunais, razão pela qual ele teve a sua pena de morte comutada em prisão perpétua). Fiel à sua recusa do espetáculo histórico, da História como espetáculo, que já se manifestara em **Les Camisards**, situado no século XVII, Allio fez um filme totalmente “desdramatizado”, em que a recriação de uma história real é filtrada pelo trabalho de Foucault, razão pela qual o seu filme não pode ser considerado estritamente como uma ficção, tratando-se antes de um eco da fase final, pedagógica, do cinema de Rossellini. O que o interessou foi menos o crime em si ou as suas causas, do que o mecanismo jurídico e médico posterior ao crime, posto que as justificativas de Pierre Rivière, que dizia obedecer a ordens de Deus, não são aceitáveis pelo sistema religioso nem pelo judiciário.

Philibert oscila habilmente entre o diário de viagem e o filme de Allio propriamente dito, vai em busca de pessoas e de um filme do qual elas participaram, o que torna lamentável que não tenha sido possível programar este último neste ciclo, de modo a tornar mais claro em que consistiu o trabalho do realizador, embora um espectador que não conheça o filme de Allio possa acompanhar de modo inteligível o percurso de **Retour en Normandie**. Trata-se de um filme-inquérito sobre outro filme, que por sua vez foi concebido e realizado como um inquérito, como uma transcrição sobriamente dramatizada do estudo de Foucault sobre um caso preciso e documentado em que se

revela a convergência entre o poder judiciário e a ideia de loucura, sobre cuja história ele escreveu uma tese que se tornou dos seus livros mais célebres (a título anedótico, o filósofo teve um pequeno papel no filme, mas este foi cortado na montagem). Philibert não se recusa a adotar um dispositivo formal um tanto tradicional, com entrevistas e um fio narrativo em voz off, mas escapa à armadilha televisiva ao não adotar uma montagem picada, com curtos trechos de diversas entrevistas dos quais se tenta a todo o custo extrair uma visão de conjunto. Dá tempo para que os entrevistados se posicionem e falem, cortando quase sempre as perguntas que terá feito. Além da mais que previsível cena da matança de um porco, Philibert nem sempre consegue evitar certos truques cujos cordelinhos são visíveis, como a falsa espontaneidade quando algumas pessoas se reencontram e o conveniente *suspense* sobre o paradeiro do protagonista do filme de Allio, de quem ninguém tinha notícias há anos (alguns diziam que tinha morrido), único de todos os que dele participaram a ter recusado o destino de camponês e aldeão, tornando-se missionário no Haiti depois de um período em que fez algum teatro em Paris. É estabelecido de modo discreto um paralelo entre um camponês que abana uma macieira e colhe as frutas no chão e um operário que “colhe” um molhe de anilhas que acaba de fabricar, mas outras opções de montagem podem ser curiosas: um *raccord* sonoro entre a palavra *amigos* numa entrevista e a palavra *amigo* no filme de Allio, no momento em que Rivière é detido; outro *raccord* entre a palavra *Deus* e a imagem de uma abadia, onde estão guardados os arquivos de diversos escritores, entre os quais Foucault, além dos do próprio René Allio. Este último *raccord* justifica-se na medida em que Philibert, além de entrevistar aqueles que foram atores no filme (Allio quis atores profissionais para os representantes do poder e amadores da região para a família Rivière e os seus vizinhos) e visitar os locais de rodagem e mostrar muitíssimos trechos de **Moi, Pierre Rivière...** quis ir às notas de trabalho de Allio, às suas *intenções*, que são irrelevantes como sempre são as de qualquer cineasta, pois o sentido de um filme está contido única e exclusivamente nas suas imagens e nos seus sons, não naquilo que foi ambicionado pelo realizador. Há ainda trechos que podem ser vistos como pausas narrativas (a visita ao cemitério onde estão enterrados os Rivière), outros em que a relação com o presente e o passado é algo ténue (a entrevista do casal que tem uma filha esquizofrénica, o que talvez fosse o diagnóstico do próprio Pierre Rivière).

Mas apesar destas aparentes oscilações, Philibert, que assina sozinho a montagem, consegue manter com grande destreza o jogo de vaivém entre o filme de Allio e aqueles que dele participaram, com as suas lembranças e a sua vida presente e no seu conjunto o filme é extremamente coerente, fundindo presente e passado, anedota e substância, um filme e o outro. Ele consegue assim abordar as duas faces do seu projeto: reencontrar marcas de uma experiência passada e manter no centro de tudo o filme de Allio, não aquilo que gira à sua volta. A dada altura, Philibert parece afastar-se em demasia do filme de Allio, mas isto foi visivelmente deliberado, pois ele volta subitamente a **Moi, Pierre Rivière...** num momento crucial do filme: um interrogatório de Pierre Rivière, o confronto entre a sua lógica pessoal e a do Estado, as justificativas de homem que sabia “*apenas ler e escrever*”, mas que redigiu oitenta páginas em quatro dias sobre aquilo que o fez agir. Em suma, Philibert nunca perde a visão de conjunto num filme que tem vários meandros e que chega ao fim numa nota pessoal: o pai dele tivera uma pequena presença no filme, cortada na montagem, no papel do homem que convence Luís Filipe a comutar a pena de Rivière e ele encontrou milagrosamente o trecho em que o seu pai aparece (a julgar pelo que vemos, Allio posicionou o rei fora de campo, numa inteligente opção, típica do seu trabalho). Começando por um grupo de antigos participantes no filme de Allio e alargando a seguir o seu olhar sobre este importante e ambicioso filme, Philibert conclui **Retour en Normandie** num gesto pessoal, íntimo, o que dá mais uma camada de sentido a um filme repleto de digressões mas extremamente estruturado.

Antonio Rodrigues